

Edward Gibbon
História do Declínio e
Queda do Império Romano

VOLUME II

Edição preparada por **D. M. Low**

Traduzido do inglês (Inglaterra) por
Maria Emília Ferros de Moura

Sumário

AS GRANDES INVASÕES

Capítulo 31

Invasão de Itália por Alarico. Costumes dos Nobres e do Povo de Roma. Três cercos e saque de Roma. Retirada dos Godos e morte de Alarico	15
<i>O carácter dos nobres romanos</i>	19
<i>O povo de Roma</i>	29
<i>O primeiro cerco de Roma</i>	34
<i>O segundo cerco de Roma</i>	42
<i>Terceiro cerco e saque de Roma</i>	46
<i>A retirada dos Godos e a morte de Alarico</i>	54

Capítulo 32

O Reinado de Arcádio. São João Crisóstomo. Morte de Arcádio e sucessão de Teodósio II. Administração de Pulquéria. Aventuras de Eudóxia	57
<i>São João Crisóstomo</i>	59
<i>A morte de Arcádio e a sucessão de Teodósio II</i>	65
<i>A administração de Pulquéria</i>	68
<i>As aventuras de Eudóxia</i>	71

Capítulo 33

Invasão de África pelos Vândalos. Santo Agostinho e o cerco de Hipona. Saque de Cartago. Fábula dos Sete Adormecidos	75
--	----

DECLÍNIO E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

<i>Invasão de África pelos Vândalos</i>	75
<i>Santo Agostinho e o cerco de Hipona</i>	77
<i>O saque de Cartago</i>	79
<i>A fábula dos Sete Adormecidos</i>	82

O FIM DO IMPÉRIO NO OCIDENTE

Capítulo 35

Invasão da Gália e de Itália por Átila. Fundação de Veneza. Morte de Átila e destruição do seu Império. Assassínio de Aécio e morte de Valentiniano III. Sintomas de decadência no Império Romano do Ocidente	87
<i>A invasão da Gália por Átila</i>	88
<i>A invasão de Itália</i>	94
<i>A fundação de Veneza</i>	96
<i>A morte de Átila e a destruição do seu império</i>	100
<i>O assassínio de Aécio e a morte de Valentiniano III</i>	102
<i>Sintomas de decadência no Império Romano do Ocidente</i>	105

Capítulo 36

O Imperador Majoriano. Odoacro, Rei de Itália	107
<i>O Imperador Majoriano</i>	107
<i>Odoacro, rei de Itália</i>	116

Capítulo 37

Origem dos Monges. Causas dos rápidos progressos do monaquismo. São Simeão, o Estilita. Conversão dos Bárbaros ao cristianismo ..	120
<i>Causas dos rápidos progressos do monaquismo</i>	124
<i>São Simeão, o Estilita</i>	132

Capítulo 38

Queda do Império Romano do Ocidente. Observações gerais	141
<i>Queda do Império Romano do Ocidente</i>	141
<i>Observações gerais sobre a Queda do Império Romano do Ocidente</i>	142

SUMÁRIO

O ESTADO DE ITÁLIA

Capítulo 39

Reinado de Teodorico, o <i>Ostrogodo</i> . Prosperidade de Roma e de Itália. Arianismo de Teodorico. Execução de Boécio. Morte de Teodorico	153
<i>O reinado de Teodorico</i>	153
<i>A prosperidade de Roma e de Itália</i>	157
<i>O arianismo de Teodorico</i>	161
<i>A execução de Boécio</i>	164
<i>A morte de Teodorico</i>	169

A ÉPOCA DE JUSTINIANO

Capítulo 40

O reinado de Justiniano. A Imperatriz Teodora. Os tumultos de Nika. Importação de seda da China. A Igreja de Santa Sofia. Abolição das Escolas de Atenas e do consulado romano.	171
<i>A Imperatriz Teodora</i>	176
<i>Os tumultos de Nika</i>	182
<i>Importação de seda da China</i>	190
<i>A Igreja de Santa Sofia</i>	197
<i>Abolição das Escolas de Atenas</i>	204
<i>Extinção do consulado romano</i>	209

Capítulo 43

Última vitória e morte de Belisário. Carácter e morte de Justiniano. Cometas, terramotos e peste durante o reinado de Justiniano	212
<i>Última vitória e morte de Belisário</i>	212
<i>Carácter e morte de Justiniano</i>	216
<i>Cometas</i>	218
<i>Terramotos</i>	220
<i>A Peste</i>	222

Capítulo 45

Miséria de Roma no final do século VI. Pontificado de Gregório Magno	226
--	-----

DECLÍNIO E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

<i>Miséria de Roma no final do século VI</i>	226
<i>O pontificado de Gregório Magno</i>	228

INFLUÊNCIAS TEOLÓGICAS

Capítulo 47

História da Doutrina da Encarnação. Os ebionitas e os gnósticos. Teorias opostas de Cerinto e Apolinário. Cirilo, Nestório e o Primeiro Concílio de Éfeso. A Heresia de Êutiques e o Segundo Concílio de Éfeso. Concílio de Calcedónia. O <i>Henoticon</i> de Zenão. Teologia de Justiniano.	235
<i>Os ebionitas</i>	236
<i>Os gnósticos</i>	238
<i>Teorias opostas de Cerinto e Apolinário</i>	240
<i>Cirilo, Nestório e o Primeiro Concílio de Éfeso</i>	245
<i>A heresia de Êutiques e o Segundo Concílio de Éfeso</i>	257
<i>O Concílio de Calcedónia</i>	258
<i>O Henoticon de Zenão</i>	263
<i>A Teologia de Justiniano</i>	266

Capítulo 49

O culto das Imagens. Leão, o <i>Iconoclasta</i> . Revolta da Itália. Relações de Pepino e Carlos Magno com os Papas. Restauração das Imagens no Oriente. Separação final entre os Papas e o Império do Oriente. Reinado e carácter de Carlos Magno. Reinado de Carlos IV e comparação com Augusto.	275
<i>Leão, o iconoclasta</i>	280
<i>Revolta da Itália</i>	285
<i>Relações de Pepino e Carlos Magno com os Papas</i>	293
<i>Restauração das Imagens no Oriente</i>	299
<i>A separação final entre os Papas e o Império do Oriente</i>	302
<i>O reinado e o carácter de Carlos Magno</i>	305
<i>O Imperador Carlos IV</i>	308
<i>Comparação entre Carlos IV e Augusto</i>	310

SUMÁRIO

O ADVENTO DO ISLÃO

Capítulo 50

Descrição da Arábia. Carácter e religião dos Árabes. A ascensão de Maomé. Os seus preceitos. A sua fuga de Meca para Medina. A sua declaração de guerra contra os infiéis. Morte de Maomé. A sua personalidade e a sua vida privada. Apreciação da sua influência .	311
<i>O carácter dos Árabes</i>	316
<i>A religião dos Árabes</i>	324
<i>A ascensão de Maomé</i>	328
<i>Os preceitos de Maomé</i>	338
<i>A fuga de Maomé de Meca para Medina</i>	343
<i>Maomé declara guerra aos infiéis</i>	349
<i>A morte de Maomé</i>	362
<i>A personalidade e a vida privada de Maomé</i>	364
<i>A influência de Maomé</i>	369

Capítulo 51

O destino da biblioteca de Alexandria.	373
<i>A biblioteca de Alexandria</i>	373

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO DO ORIENTE

Capítulo 53

Estado do Império do Oriente no século x. Riquezas, manufacturas e rendimentos do Império. O Palácio Imperial. Esquecimento da língua latina. Renascimento da sabedoria grega. Decadência do gosto	377
<i>Riquezas, manufacturas e rendimentos do Império</i>	381
<i>O Palácio Imperial</i>	388
<i>O esquecimento da língua latina</i>	397
<i>O renascimento da sabedoria grega</i>	399
<i>A decadência do gosto</i>	401

Capítulo 56

Conflito dos Sarracenos, Francos e Gregos em Itália. A chegada dos Normandos. Conquistas de Roberto Guiscardo.	405
--	-----

DECLÍNIO E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

<i>A chegada dos Normandos</i>	410
<i>As conquistas de Roberto Guiscardo</i>	418
 <i>Capítulo 57</i>	
O Reino de Rum. A conquista Turca de Jerusalém	437
<i>O Reino de Rum</i>	437
<i>A conquista Turca de Jerusalém</i>	439

AS CRUZADAS

 <i>Capítulo 59</i>	
São Luís e a Sexta e Sétima Cruzadas. A perda de Antioquia. A perda de Acre e da Terra Santa	445
<i>São Luís e a Sexta e Sétima Cruzadas</i>	445
<i>A perda de Antioquia</i>	448
<i>A perda de Acre e da Terra Santa</i>	450

 <i>Capítulo 60</i>	
Cisma e hostilidade entre Gregos e Latinos. A Quarta Cruzada. Aliança dos Franceses e Venezianos e sua expedição a Constantinopla. Conquista e pilhagem de Constantinopla pelos Latinos	452
<i>Hostilidade entre Gregos e Latinos</i>	456
<i>A Quarta Cruzada</i>	462
<i>Aliança dos Franceses e dos Venezianos</i>	466
<i>A viagem a Constantinopla</i>	471
<i>A conquista de Constantinopla pelos Latinos</i>	476
<i>A pilhagem de Constantinopla</i>	484

 <i>Capítulo 61</i>	
Balduíno II e a santa coroa de Espinhos. Reconquista de Constantinopla pelos Gregos. Consequências gerais das cruzadas	493
<i>Balduíno II e a santa coroa de Espinhos</i>	493
<i>Reconquista de Constantinopla pelos Gregos</i>	498
<i>Consequências gerais das cruzadas</i>	502

SUMÁRIO

O FIM DO IMPÉRIO ROMANO

Capítulo 65

Cerco de Constantinopla por Amurat II. Disciplina dos Turcos.	
Invenção da pólvora	507
<i>Cerco de Constantinopla por Amurat II</i>	507
<i>Disciplina dos Turcos</i>	511
<i>Invenção da pólvora</i>	514

Capítulo 66

Apelos Gregos ao Ocidente. Visita de João Paleólogo a Roma. Visita de Manuel a Itália, França e Inglaterra. Expedição de João Paleólogo II. União temporária dos Gregos e Latinos. Renascimento das letras gregas em Itália. Papa Nicolau V. Uso e abuso da antiga erudição	516
<i>Visita de João Paleólogo a Roma</i>	520
<i>Visita de Manuel a Itália, França e Inglaterra</i>	523
<i>A expedição de João Paleólogo II</i>	531
<i>União temporária dos Gregos e Latinos</i>	536
<i>Renascimento das letras gregas em Itália</i>	545
<i>O Papa Nicolau V</i>	555
<i>Uso e abuso da erudição antiga</i>	558

Capítulo 68

Carácter e reinado de Mahomet II. Cerco e tomada de Constantinopla. Entrada dos Turcos na Cidade. Consternação e terror da Europa.	560
<i>O cerco de Constantinopla</i>	563
<i>A tomada de Constantinopla</i>	572
<i>A entrada de Mahomet II</i>	580
<i>Consternação e terror da Europa</i>	587

EPÍLOGO: ROMA MEDIEVAL E OS ALVORES DO RENASCIMENTO

Capítulo 69

Autoridade dos Papas em Roma. Métodos de eleição papal. Ida dos Papas para Avinhão. Instituição do Jubileu ou Ano Santo. A nobreza romana	591
---	-----

DECLÍNIO E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

<i>Métodos de eleição papal</i>	597
<i>Ida dos Papas para Avinhão</i>	600
<i>Instituição do Jubileu ou Ano Santo</i>	603
<i>A nobreza romana</i>	605
<i>Capítulo 70</i>	
Petrarca. Rienzi e a restauração do bom Estado. Prosperidade da República Romana. Grau de cavaleiro, coroação e loucuras de Rienzi. Regresso dos Papas a Roma. Grande cisma do Ocidente. Governo de Roma no século xv. Governo Eclesiástico.	
	610
<i>Rienzi e a restauração do bom Estado</i>	613
<i>A prosperidade da República Romana</i>	618
<i>Grau de cavaleiro, coroação e loucuras de Rienzi</i>	621
<i>O regresso dos Papas a Roma</i>	624
<i>O grande cisma do Ocidente</i>	628
<i>O governo de Roma no século xv</i>	632
<i>O governo eclesiástico</i>	634
<i>Capítulo 71</i>	
Discurso de Poggio sobre as ruínas de Roma no século xv. Quatro causas de ruína. O Coliseu. Restauração da cidade. Reflexões finais sobre o Declínio e Queda do Império Romano	
	638
<i>Quatro causas de destruição</i>	641
<i>O Coliseu</i>	650
<i>A restauração da cidade</i>	654
<i>Reflexões finais sobre o Declínio e Queda do Império Romano</i> .	657
NOTA BIBLIOGRÁFICA	659
UMA LISTA CRONOLÓGICA DOS IMPERADORES ROMANOS ...	661
ÍNDICE ONOMÁSTICO	669

AS GRANDES INVASÕES

Capítulo 31

Invasão de Itália por Alarico. Costumes dos nobres e do povo de Roma. Três cercos e saque de Roma. Retirada dos Godos e morte de Alarico

A incapacidade de um governo fraco e desorientado pode frequentemente assumir a aparência e produzir os efeitos de uma traiçoeira cumplicidade com o inimigo público. Se o próprio Alarico tivesse sido admitido no conselho de Ravena, é provável que recomendasse medidas idênticas às que eram efectivamente levadas a cabo pelos ministros de Honório. O rei dos Godos talvez conspirasse mesmo com alguma relutância para destruir o temível adversário por cujas armas, tanto em Itália como na Grécia, fora por duas vezes vencido. O ódio activo e interessado de tais ministros consumiu laboriosamente a desgraça e a ruína do grande Estilício. O valor de Saro, o seu renome militar e a sua influência pessoal ou hereditária sobre os bárbaros confederados somente o recomendavam aos amigos da pátria que desprezavam ou abominavam o vil carácter de Turpílio, Varanes e Vigilânio. Ante as prementes solicitações dos novos favoritos, estes generais, que se haviam mostrado indignos do nome de soldados, foram promovidos ao comando da cavalaria,

da infantaria e das tropas do palácio. O príncipe godo teria assinado com prazer o edicto que o fanatismo de Olímpio ditou ao simples e devoto imperador. Honório afastava assim todas as pessoas adversas à Igreja Católica do desempenho de qualquer cargo público; rejeitava pertinazmente o serviço de todos os que divergiam da sua religião: e apeava, de modo inconsiderado, muitos dos seus mais corajosos e hábeis oficiais que aderiam ao culto pagão ou se tinham impregnado das noções do arianismo. Alarico teria aprovado, e talvez mesmo sugerido, todas estas medidas tão vantajosas para os inimigos do império, mas é de duvidar que o bárbaro houvesse favorecido os seus interesses à custa da desumana e absurda crueldade que se perpetrou por ordem, ou pelo menos com a conivência dos ministros imperiais. Os auxiliares estrangeiros que tinham estado ligados à pessoa de Estilício lamentaram a sua morte; o desejo de vingança foi, contudo, refreado por uma natural apreensão quanto à segurança das suas mulheres e filhos que estavam retidos como reféns nas praças-fortes de Itália, onde eles também haviam depositado os seus mais valiosos bens. À mesma hora, e como que obedecendo a um mesmo sinal, as cidades de Itália foram maculadas pelas mesmas e terríveis cenas de chacina e pilhagem geral que envolveram numa destruição indiscriminada as famílias e as riquezas dos bárbaros. Exasperados por esta ofensa que insurgiria o mais dócil e submisso dos espíritos, eles lançaram um olhar de indignação e esperança para o acampamento de Alarico e juraram unanimemente travar uma justa e implacável guerra contra a pérfida nação que tão vilmente infringira as leis da hospitalidade. Devido ao imprudente comportamento dos ministros de Honório, a República perdeu o concurso de trinta mil dos seus mais valorosos soldados e ganhou a inimizade deles; e o peso deste formidável exército, que poderia por si só ter determinado o desfecho da guerra, transferiu-se do lado dos Romanos para o dos Godos.

Na arte da negociação, tal como na da guerra, o rei godo manteve o seu ascendente sobre um inimigo cujas supostas mudanças resultavam de uma ausência total de critério e desígnios. Do seu acampamento nas fronteiras de Itália, Alarico observava atentamente as revoluções do palácio, espreitava os progressos do espírito de facção e do descontentamento, dissimulava o aspecto hostil de

um invasor bárbaro e assumia a aparência mais popular de amigo e aliado do grande Estilício, a cujas virtudes, quando já não eram temíveis, prestava um justo tributo de sincero louvor e pesar. O insistente convite dos descontentes que incitavam o rei dos Godos a invadir a Itália era reforçado por um vivo sentimento das injúrias por ele sofridas; e Alarico podia queixar-se com alguma verdade de que os ministros imperiais continuavam a protelar e a esquivar-se ao pagamento das quatro mil libras de ouro que haviam sido prometidas pelo Senado romano para compensar os seus serviços ou apaziguar a sua fúria. A sua digna firmeza era sustentada por uma astuta moderação que contribuiu para o êxito dos seus objectivos. Exigia uma justa e razoável reparação, mas dava todas as garantias de que, mal a tivesse obtido, se retiraria imediatamente. Negava-se a confiar na palavra dos Romanos, excepto se Ácio e Jasão, filhos de dois altos dignitários do Estado, fossem enviados como reféns para o seu acampamento. Oferecia-se, contudo, para entregar em troca alguns dos mais nobres jovens da nação goda. Os ministros de Ravena interpretaram o comedimento de Alarico como uma prova indubitável da sua fraqueza e do seu medo. Desdenharam não só negociar um acordo como reunir um exército. E com temerária confiança, fruto da sua ignorância do tremendo perigo, desperdiçaram irremediavelmente os momentos decisivos de fazer a paz ou a guerra. Enquanto eles aguardavam, num obstinado silêncio, que os bárbaros se afastassem das fronteiras de Itália, Alarico, em ousadas e rápidas marchas, atravessou os Alpes e o Pó; saqueou apressadamente as cidades de Aquileia, Altino, Concórdia e Cremona, que sucumbiram às suas armas; ele aumentou as suas forças com o recrutamento de trinta mil auxiliares, e, sem encontrar um único inimigo pronto a combatê-lo, avançou até à beira do pântano que defendia a residência inexpugnável do imperador do Ocidente. Em vez de tentar o cerco inútil de Ravena, o cauteloso chefe dos Godos prosseguiu até Rimini, estendeu as suas devastações ao longo da costa do Adriático e planeou a conquista da antiga senhora do mundo. Um eremita italiano, cujo zelo e santidade eram respeitados pelos próprios bárbaros, foi ao encontro do monarca vitorioso e anunciou-lhe ousadamente a indignação do céu contra os opressores da terra; mas o próprio santo ficou confuso perante

a solene declaração de Alarico de que sentia um impulso secreto e sobrenatural que o dirigia e quase o arrastava na sua marcha até às portas de Roma. Sentia que o seu génio e a sua fortuna o elevavam à altura dos mais árduos empreendimentos, e o entusiasmo que ele inspirava aos Godos apagou imperceptivelmente o popular e quase supersticioso respeito das nações pela majestade do nome romano. As suas tropas, animadas pela esperança do despojo, seguiram ao longo da Via Flamínia, ocuparam os desfiladeiros desguarnecidos dos Apeninos(*) e desceram até às ricas planícies da Úmbria; e, enquanto acampavam nas margens do Clitumno, puderam abater e devorar a seu bel-prazer os bois brancos como leite que, durante tanto tempo, haviam sido reservados para os sacrifícios por ocasião dos triunfos romanos. Uma localização escarpada e uma oportuna tempestade de raios e trovões preservou a cidadezinha de Narni, mas o rei dos Godos, desprezando a insignificante presa, continuou a avançar com inquebrantável vigor. E, depois de ter passado sob os imponentes arcos adornados com os despojos das vitórias dos bárbaros, assentou arraiais sob as muralhas de Roma.

Durante um período de seiscentos e dezanove anos, a sede do império nunca fora violada pela presença de um inimigo estrangeiro. A malograda expedição de Aníbal apenas servira para evidenciar a energia do Senado e do povo; de um Senado mais degradado do que enobrecido pela comparação com uma assembleia de reis; e de um povo a quem o embaixador de Pirro atribuía os recursos inesgotáveis da Hidra. Cada senador, na época das guerras púnicas, cumprira o seu tempo de serviço militar num posto subalterno ou numa patente superior; e o decreto que investia de um comando temporário todos os que haviam sido cônsules, censores ou ditadores proporcionava à República o auxílio sempre pronto de um grande número de bravos e experientes generais. No início da guerra, o povo romano compunha-se de duzentos e cinquenta mil cidadãos com idade para pegar em armas. Cinquenta mil já tinham morrido em defesa do país;

(*) Addison fez uma descrição muito pitoresca do percurso através dos Apeninos. Os Godos não tinham vagar para admirar as belezas da paisagem; mas ficaram contentes ao verificar que a *Saxa Intercisa*, uma estreita passagem que Vespasiano abria através da rocha, estava completamente abandonada.

e as vinte e três legiões que guarneciam os diversos acampamentos da Itália, Grécia, Sardenha, Sicília e Espanha exigiam cerca de cem mil homens. No entanto, ainda permaneciam outros tantos em Roma e no território circunvizinho, todos animados da mesma intrépida coragem; e cada cidadão era adestrado desde a mais tenra juventude na disciplina e nos exercícios do soldado. Aníbal ficou surpreendido com a firmeza do Senado que, sem levantar o cerco de Cápua, nem chamar as tropas dispersas, aguardava a sua aproximação. Ele acampou numa das margens do Ânio, à distância de três milhas da cidade; e não tardou a saber que o terreno onde armara a sua tenda acabava de ser vendido por um preço normal em hasta pública; e que um corpo de tropas recebera ordem para sair por uma estrada oposta, a fim de ir reforçar as legiões de Espanha. Ele conduziu os seus africanos até às portas de Roma, onde encontrou três exércitos em ordem de batalha preparados para o enfrentar. Aníbal receou, porém, o desfecho de um combate que não lhe deixava a mínima esperança de vencer, salvo se aniquilasse até ao último dos seus inimigos; e a sua precipitada retirada foi uma confissão da invencível coragem dos Romanos.

O carácter dos nobres romanos

Desde o tempo das guerras púnicas, a ininterrupta sucessão dos senadores preservara o nome e a imagem da República; e os degenerados súbditos de Honório diziam-se ambiciosamente descendentes dos heróis que tinham repellido as tropas de Aníbal e subjugado todas as nações da Terra. As honras temporais que a devota Paula herdou e das quais fazia pouco caso são cuidadosamente recapituladas por Jerónimo, o director da sua consciência e o historiador da sua vida. A genealogia do seu pai, Rogato, que remontava a Agamémnon, podia levar a pensar numa origem grega; mas a sua mãe, Blesila, incluía os Cipiões, Paulo Emílio e os Gracos na lista dos antepassados; e Toxócio, o marido de Paula, derivava a sua linhagem real de Eneias, o fundador da estirpe Júlia. A vaidade dos ricos, que desejavam ser nobres, era satisfeita por estas soberbas pretensões. Encorajados pelo aplauso dos seus parasitas, eles iludiam facilmente

a credulidade do vulgo; e foram ajudados, em certa medida, pelo hábito de adoptar o nome do patrono que sempre prevalecera entre os libertos e os clientes das famílias ilustres. No entanto, a maior parte destas famílias, atacadas por tantas causas de violência externa ou de decadência interna, tinham-se sucessivamente extinguido; e seria mais razoável procurar uma filiação de vinte gerações no meio das montanhas dos Alpes ou na tranquila solidão da Apúlia do que no palco de Roma, centro dos golpes da fortuna, do perigo e das constantes revoluções. Sob cada reinado, e vinda de todas as províncias do império, uma multidão de intemeratos aventureiros, valendo-se da pujança dos seus talentos ou dos seus vícios, usurpavam a riqueza, as honras e os palácios de Roma; e oprimiam ou protegiam os pobres e humildes restos das famílias consulares, que talvez ignorassem a glória dos seus antepassados.

Na época de Jerónimo e de Claudiano, os senadores cediam unanimemente a preeminência à linha Anícia; e um breve relance sobre a sua história contribuirá para se apreciar a categoria e a antiguidade das famílias nobres que somente pugnavam pelo segundo lugar. Durante os cinco primeiros séculos da cidade, o nome dos Anícios foi de todo em todo desconhecido; julga-se que eram oriundos de Preneste; e a ambição destes novos cidadãos satisfiz-se durante muito tempo com as honras plebeias dos tribunos do povo. Cento e sessenta e oito anos antes da era cristã, a família viu-se enobrecida pela pretura conferida a Anício, que concluiu gloriosamente a guerra da Ilíria com a conquista da nação e a captura do rei. A partir do triunfo deste general, três consulados em épocas distantes umas das outras assinalaram a descendência do nome dos Anícios. Desde o reinado de Diocleciano à derrocada final do Império do Ocidente, este nome brilhou com um fulgor que não ficou eclipsado na estima pública pela majestade da púrpura imperial. Os vários ramos a que foi transmitido uniram, por casamento ou por herança, a riqueza e os títulos das casas Aniana, Petroniana e Olibriana; e, em cada geração, o número de consulados multiplicou-se por uma espécie de direito hereditário. A família Anícia sobressaía pela fé e as riquezas; os seus membros foram os primeiros do Senado romano que aderiram ao cristianismo; e é provável que Anício Juliano, mais tarde cônsul e prefeito da cidade, expiasse a sua ligação ao partido de Maxêncio

através da prontidão com que aceitou a religião de Constantino. O vasto património deles foi aumentado pela laboriosidade de Probo, o chefe da família Anícia, que partilhou com Graciano as honras do consulado e exerceu por quatro vezes o alto cargo de prefeito do pretório. As suas imensas propriedades estavam dispersas por todas as províncias do mundo romano; e, embora o público pudesse desconfiar ou discordar dos métodos pelos quais elas tinham sido adquiridas, a generosidade e a magnificência deste afortunado estadista mereceu a gratidão dos seus clientes e a admiração dos estrangeiros. O respeito pela sua memória era de tal ordem que os dois filhos de Probo, ainda muito jovens e a pedido do Senado, ocuparam conjuntamente a dignidade consular, uma distinção memorável, sem exemplo nos anais de Roma.

«Os mármorees do palácio Aniciano» eram utilizados como uma expressão proverbial de opulência e esplendor; no entanto, os nobres e os senadores de Roma aspiravam, na medida do possível, a imitar esta ilustre família. A cuidadosa descrição da cidade, efectuada no reinado de Teodósio, enumera mil setecentas e oitenta casas, residências de abastados e insignes cidadãos. Muitas destas imponentes mansões quase poderiam desculpar o exagero do poeta, segundo o qual Roma contava uma quantidade de palácios, cada um dos quais se assemelhava a uma cidade, pois incluía no seu próprio recinto tudo o que podia servir à utilidade ou ao luxo: mercados, hipódromos, templos, fontes, banhos, pórticos, bosques frondosos e aviários. O historiador Olimpiodoro, que descreve o estado de Roma na altura em que foi cercada pelos Godos, dá-nos conhecimento de que alguns dos mais abastados senadores tiravam do seu património um rendimento anual de quatro mil libras de ouro, ou seja, mais de cento e sessenta mil libras esterlinas; sem contar com as rendas estipuladas em trigo e vinho, que, em caso de venda, poderiam equivaler a um terço desta quantia. Comparado com esta imensa riqueza, um vulgar rendimento de mil ou mil e quinhentas libras de ouro mal parecia chegar para a dignidade do senador, que exigia muitas despesas públicas e de representação. No reinado de Honório são referidos vários exemplos de nobres presumidos e notórios que celebravam o aniversário da sua pretura com uma festa que durava sete dias e custava mais de cem mil libras esterlinas. As propriedades

dos senadores romanos, que excediam tão consideravelmente a bitola da moderna riqueza, não se restringiam aos limites de Itália. As suas possessões estendiam-se muito para lá dos mares Jónio e Egeu, até às mais remotas províncias: a cidade de Nicópolis, fundada por Augusto como um monumento perpétuo à vitória de Aedo, era propriedade da devota Paula; e Séneca observa que os rios que haviam separado nações hostis atravessavam agora as terras de simples particulares. Segundo as preferências e as circunstâncias, as herdades dos romanos eram cultivadas pelo labor dos escravos ou arrendadas por determinada soma a um diligente lavrador. Os escritores económicos da Antiguidade recomendam veementemente o primeiro método sempre que é praticável; mas se, em virtude do afastamento ou da extensão das terras, o dono não pode velar pessoalmente por elas, os ditos escritores preferem o cuidado activo de um velho rendeiro hereditário, ligado ao solo e interessado na colheita, à administração mercenária de um negligente e talvez infiel intendente.

Os nobres opulentos de uma imensa capital, que nunca se entusiasmavam com a busca da glória militar e raras vezes se empenhavam nas ocupações do governo civil, dedicavam naturalmente os seus lazeres aos negócios e aos prazeres da vida privada. Em Roma, o comércio foi sempre encarado com desprezo; mas os senadores, desde a primeira idade da República, aumentavam o seu património e multiplicavam os seus clientes mediante a lucrativa prática da usura, e as leis obsoletas eram contornadas ou violadas pela mútua inclinação e interesse das duas partes. Avultados tesouros devem ter sempre existido em Roma, quer na moeda corrente do império, quer sob forma de baixelas de ouro e prata; e na época de Plínio muitos aparadores deviam conter mais prata maciça do que a trazida por Cipião da vencida Cartago. A maioria dos nobres, que dissipavam as suas fortunas numa profusão de luxo, davam consigo pobres no meio das riquezas, e inactivos num constante rodopio de divertimentos. Os seus desejos eram continuamente satisfeitos pela faina de milhares de braços; os do numeroso séquito dos seus escravos domésticos compelidos pelo medo do castigo; os dos vários ofícios de artífices e mercadores, mais energicamente animados pela esperança do lucro. Os Antigos careciam de muitas